

GOIANIA

Capital do Sertão Brasileiro

*Conferência pronunciada pelo 2.º Tenente Mauro Borges Teixeira na
Bibliotéca Pública da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul.*

Vou escrever acêrca de Goiânia. E' necessário dizer que não me animaria falar sôbre assunto aparentemente de caráter local, sem a menor relação com o Exército, ou com outras partes do Brasil; se não fôsse o ambiente nacional favoravel a tudo que seja manifestação de brasilidade. Em outros tempos, naqueles em que campeava apaixonada a luta política e o baixo regionalismo tomava ares de coisa muito natural e até mesmo louvavel, não seria temeridade falar do sertão brasileiro, em outras plagas que não lá. Porém, seria um desafio ao ridículo, uma demonstração de espírito fantazista. Vários superiores, camaradas e até mesmo extranhos denotaram interesse em saber qualquerr coisa sôbre Goiânia. Fiquei contente de vêr, cá no extremo meridional da Pátria, esse interesse por uma cidade que nasceu ontem e está a milhares de quilômetros daqui.

Em Santa Maria, nesta terra que é o coração do Rio Grande, assim como Goiaz o é do Brasil, não seria demais falar sôbre um acontecimento que foi uma clarinada chamando o povo goiano à realidade do progresso contemporâneo. O povo Goiano não teve, como o vosso, as tristes lembranças de ver no seu território os fumos de um acampamento inimigo. A guerra nunca nos bateu às portas. Também nunca fomos sacudidos pela brutalidade da guerra civil, como a vossa dos Farrapos. Não ouviram os chapadões goianos o tropél da cavalaria dos Farrapos. O seu passado militar foi vivido sempre longe da terra, pelos bravos que invadiram o Paraguai e, posteriormente, fizeram a Retirada da Laguna, feito mais glorioso do que a retirada dos 10.000 de Xenofonte.

A par dessas diferenças provocadas pela posição geográfica de centro e extremidade, existe um grande sentimento comum que nos identifica sobremodo.

Esse sentimento é o de brasilidade.

O povo gaúcho sempre esforçando para manter intacta a civilização que o luzitano plantou e defendeu de cubiças estranhas.

Senhores! Alguem disse: "As fronteiras do sul foram marcadas a ponta de lança e a patas de cavalos".

Isto basta para mostrar a vontade do gaúcho de conservar-se brasileiro.

Os goianos do mesmo modo, procuraram como guardas fieis as mais lídimas tradições de brasilidade, como se eles próprios as encarnassem.

Eis, pois, o élo mais fórte desta corrente sentimental, o que me faz falar tão alto aqui, como se falasse lá.

Haveria de ter um motivo para êsse interesse, pois, Goiânia ainda é uma cidade relativamente pequena e quasi sem tradição. O motivo, por certo todos estão conjecturando; é o modo por que foi constituída e as duras condições em que essa construção se processou.

Senhores! — para que se possa formar um juizo seguro do que é Goiânia é necessário, imprescindível mesmo, que se faça uma evocação do passado e do ambiente daqueles imensos desertões onde outróra habitavam a aguerrida tribu dos Goiazes — foi no ano de 1725 que Bartolomeu Bueno de Silva, após longas peregrinações pelos imensos altiplanos goianos, chegou à uma região montanhosas que, pelo intenso brilho de suas massas graníticas, foi batizada com o sugestivo nome de — Serra Dourada.

Durante muitos anos não sòmente a montanha era dourada, tudo mais o era.

Bartolomeu Bueno, o Anhanguera, nome que os índios lhe deram pelas suas pretensas mágicas, ameaçando incendiar as águas, fundou na região mais aurífera a Vila Bôa de Goiaz.

Durante anos a fio o ouro goiano percorria, nas costas dos índios e no lombo dos burros, os ínvios caminhos que iam para as terras de Piratininga e daí cruzava o Atlantico a bordo dos Galeões portugueses, para o uso e perene gozo dos Braganças.

Assim, bafejada pelos ventos da fortuna, em plena idade do ouro, Vila Bôa de Goiaz ia crescendo salpicada pelo pó amarelo do ouro de aluvião. A vila espraiava-se engolfando as reentrancias da grande bacia, ou fundo, formada pelas montanhas ao redor. Não tardou porém, que passasse a fébre do ouro.

Vila Bôa de Goiaz sentiu a amarga realidade daqueles que sabem que já deram tudo que se lhes permitiam as forças, sem sair da mediocridade.

Conformou-se. Ficou vivendo da cultura e do amor de seus extremos filhos.

Foi envelhecendo e ficando tropéga. Não haveria remédio que pudesse revitalizá-la. O seu mal era congenito.

Trouxeram braços para o trabalho, dinheiro e idéias novas. Goiaz seguiu o exemplo da América do Norte quando fazia propaganda da cidade que seria o modelo de urbanismo das outras cidades americanas.

Refiro-me à cidade de Radburn.

Também seguimos o exemplo da propaganda feita na União Soviética, para que se construísse na região dos Urais a cidade de Magnitogorsk, que é tida como modelo das cidades que se constroem naquela república.

Hoje, a construção de uma cidade moderna não tem os caraterísticos que tinham as cidades feitas a propósito, no passado. Antigamente tal idéia era, geralmente, uma preocupação e megalomania. Eram geralmente cidades condenadas a ter vida parasitária, pois as condições economicas nem sempre eram consultadas. Nos dias hodiernos em que a humanidade está numa fase bastante industrial, a cidade moderna é um centro de trabalho, um centro completo de educação para o físico e espírito do homem. Deve ser também um núcleo de produção de riquezas e fonte de alegria para seus habitantes.

As cidades modernas devem ser os centros nervosos, os órgãos de comando das várias atividades nacionais.

Após tantas considerações, restava saber se o governo goiano tinha meios para tão alevantado empreendimento, como seja o de construir uma *cidade moderna*.

Aparentemente, não os tinha. Em 1930 o Estado de Goiaz rendia anualmente cerca de quatro mil e novecentos contos, quantia verdadeiramente irrisória, menor que a renda de algumas prefeituras de São Paulo. Hoje a renda anual de Goiaz é de Cr\$ 32.000.000,00. Por isso, muita gente dizia que a futura cidade morreria antes de nascer. Porém, o Interventor Pedro Ludovico Teixeira respondia à essa objeção declarando que sua pretensão era modesta, desejando apenas construir uma cidade moderna num local tecnicamente escolhido, constituindo somente 6 prédios para estabelecimentos públicos e sessenta casas para residência de funcionários.

Com o decorrer do tempo e à medida que fosse ao Estado possível, ir-se-ia completando a obra. Muito melhor agir assim do que modificar uma cidade velha, de ruas estreitas e tortuosas, com todos os defeitos de construção da época colonial e, ademais, de péssimas condições topográficas e mal situada, em relação ao território Goiano". Assim, em 10 de Maio de 1933 foi decretada a zona escolhida para a futura cidade. Em 24 de Outubro de 1933, data da vitória da revolução de 1930, foi lançada, numa linda manhã, a pedra fundamental de uma cidade que só para alguns era uma grande utopia... LOCAL: O local!

foi magnificamente escolhido. Acha-se situado no centro de gravidade da zona economicamente mais rica e mais habitada do Estado.

Está próximo à estrada de ferro e é facilmente acessível por todos quadrantes.

Está num imenso planalto com leves ondulações do terreno de modo a permitir que a vista se alongue para muito longe, por sobre verdejantes campinas. A alguns quilômetros do local da cidade, começa uma grande mata que cobre centenas de quilômetros quadrados indo até ao majestoso Araguaia.

CLIMA: Se a latitude é baixa, influyendo para que seja alta a temperatura naquelas regiões, em compensação, a altitude é efevada corrigindo perfeitamente o fator das temperaturas altas. A altitude média no local escolhido para a cidade é de mais de 800 metros, sendo que no planalto central pròpriamente dito há regiões com 1.800 m. de altitude: O clima é, então, muito bom.

Quanto à água a região é perfeitamente feliz. O precioso líquido existe em grande abundância e de tal maneira puro que torna desnecessário qualquer tratamento para o seu uso pela população.

TRAÇADO DA CIDADE: Dois grandes urbanistas nacionais, Armando de Godoi e Atilio Corrêa Lima, projetaram, respectivamente, a zona Sul e Norte da cidade.

A cidade modelo americana, de Radburn — inspirou grandemente os urbanistas patrícios. Nenhuma regra empírica, como a de só se construir ruas largas, foi levada em conta. A largura da rua é função do seu destino. O bem estar do homem, sim, presidiu a todas cogitações dos que planejaram à cidade.

ZONEAMENTO: Damos a palavra ao urbanista Corrêa Lima, que em seu relatório ao Dr. Pedro Teixeira assim se expressou, sobre o setor norte da cidade: “O zoneamento da cidade é feito procurando satisfazer as tendências modernas, de localização dos diversos elementos da cidade em zonas demarcadas afim de não só obter melhor organização dos serviços públicos, como também para facilitar certos problemas técnicos, econômicos e sanitários, não falando aqui em estética. Se em todas grandes aglomerações modernas, o zoneamento constitue um problema de difícil solução, para nós que recebemos um campo limpo; a tarefa foi facil, mas por isso mesmo nossas responsabilidades são consideráveis se ela não for rigorosamente obedecida, constituindo um verdadeiro crime a não observância do que prescreve o regulamento das zonas. E’ claro que o zoneamento não pôde ser levado aos extremos, como querem alguns profissionais, como por exemplo uma zona residencial com multiplas sub-divisões.

Mas a divisão desta em duas zonas principais: zona residencial urbana e zona residencial suburbana é bastante razoável e não cerceia demasiado a liberdade do proprietário.

CENTRO ADMINISTRATIVO: — “aqui serão construídos todos edifícios públicos administrativos, quer federais, estaduais e municipais, salvo aqueles que por suas condições particulares exigem outras localizações, como por exemplo o edifício dos Correios e Telégrafos que, de preferência, deve ser acessível ao grande público, e que por conseguinte, deveria estar na parte mais central da cidade. Como foi dito acima o centro Administrativo embora seja de fácil acesso não é local de passagem para grandes comunicações o que o torna um tanto tranquilo, como convém às repartições públicas”.

CENTRO COMERCIAL: — “Como centro comercial designamos a área mais central da cidade onde gravita o comércio, onde a construção é mais densa. Esta zona, onde a circulação é mais intensa, possui uma rede de avenidas com largura suficiente para satisfazer ao tráfego por várias décadas, e com possibilidade de alargamento das áreas de tráfego, sem desapropriação. Todas as quadras desta zona dispõem de áreas públicas, internamente, para uso do comércio, que poderá fazer decarga de mercadorias, sem interrupção e sem os longos estacionamento nas vias públicas. Assim a coleta do lixo far-se-a livre do desagradável aspecto que apresentam mesmo as grandes cidades. Independente destas áreas, para servir as casas comerciais foram previstos nas quadras 21, 23, 38, 51, e 52 áreas maiores para o “Parking”, isto é, o ponto de estacionamento de veículos de aluguel.”

ZONA INDUSTRIAL: — “Sua localização na parte mais baixa da cidade, onde a planície se estende, justifica-se pela necessidade que tem a indústria de ocupar grandes áreas e pela situação geográfica na região onde, futuramente, com a construção da estrada de ferro, esta terá maior facilidade em estabelecer sua estação de triagem, desvios e onde o acesso é natural.”

ZONA RESIDENCIAL: — “Divide-se em duas seções principais. “A” ou urbana e “B” ou suburbana, ambas ocupando sempre situações mais favoráveis e tranquilas, longe dos centros movimentados”.

ZONA RURAL: — “Todo o território não compreendido nas zonas precedentes é destinado à cultura do solo e à pequena agricultura.” — Dentro deste quadro geral que acabamos de expor, senhores, a nova capital do Estado foi crescendo dia a dia. As dificuldades para sua construção foram muito grandes e por vezes tão sérias que mesmo os mais entusiastas pela idéia mudancista se entibiavam.

Senhores, para a construção de Goiânia foram consultados os supremos interesses do homem. O nome da cidade foi escolhido em

concurso pelos jornais da terra. Entre todos, foi escolhido êste — Goiânia. Nome suave, fácil o sugestivo. Goiânia muito significa para o Brasil Central.

Foi ela a inspiradora, a precursora da marcha para o oeste. Tornou-se pois, vanguardeira dessa idéia. Quando o Presidente Vargas disse em memorarel discurso, “o verdadeiro sentido de brasilidade é a marcha para o Oeste” os corações sertanejos pulsaram mais forte e tiveram mais orgulho em serem brasileiros.

Aquela gente de têt morena e olhos negros abandonou a sua característica atitude contemplativa e ficou de pé.

Ficou e está pronta a produzir, se o governo lhes der meios de transportar o fruto de seu trabalho.

Lá estão eles esperando, de braços abertos, os seus irmãos do litoral, prontos a mostrar ao homem citadino as grandiosas possibilidades sertanejas. Decerto não esperarão muito...

O Brasil deseja entrar em posse de si mesmo.

E' neste fáto que reside a nossa esperança de ver em breves anos surgirem florescentes, novas goianas, nesses imensos brasis. O Presidente Vargas assim falou em inesquecível oração: “A civilização brasileira, mercê dos fatores geográficos, estendeu-se no sentido da longitude, ocupando o vasto litoral, onde se localizaram os centros principais de atividades, riqueza e vida.

Mais do que uma simples imagem, é uma realidade urgente e necessária galgar a montanha, transpor os planaltos e expandir-nos no sentido das latitudes.

Retornando à trilha dos pioneiros que plantaram no coração do continente em vigorosa e épica arremetida, os marcos das nossas fronteiras territoriais, precisamos de novo suprir obstáculos, encurtar distâncias, abrir caminhos e estender as fronteiras econômicas, consolidando, definitivamente, os alicerces da nação. O verdadeiro sentido de brasilidade é a marcha para o oeste”.

“No século de XVIII, de lá jorrou a caudal de ouro que transbordou na Europa e fez da América o Continente das cobiças e tentativas aventurosas”.

“E lá teremos de ir buscar: — dos vales férteis e vastos, produtos das culturas variadas e fortes, das entranhas da terra o metal com que forjar os instrumentos de nossa defesa e do nosso progresso industrial”.

“Para tanto, empenharemos todas as energias disponíveis. Não será certamente obra de uma única geração, mas é a que tem de ser feita, e ao seu início queremos, por isso, consagrar o melhor dos nossos esforços. Persistiremos na disposição de suprimir as barreiras que separam zonas e izolam regiões, de sorte que o corpo econômico nacional

possa evoluir homoganeamente, e a expansão do mercado interno se faça sem entraves de nenhuma especie. Reequipando portos, remodelando o material ferroviário e construindo novas linhas, abrindo rodovias e aparelhando a frota mercante, conseguiremos articular, em função desse objetivo, os meios de transpor os escoadouros da produção”.

“Em conexão com tais empreendimentos, usando, precisamente, facilitar e garantir à sua execução, instalaremos a grande siderurgia, se necessário fôr por conta do próprio Estado, ativaremos as pesquisas do petróleo e continuaremos a estimular a utilização, em maior escala, do carvão mineral e do alcool combustível”. A posição estratégica do planalto central é sobremodo importante como local de instalação das nossas indústrias pesadas. As nossas indústrias básicas, estando lá, no meio do continente, estarão ao abrigo de qualquer ataque, parta de onde partir. A União Soviética tem tido, na indústria instalada nos Montes Urais, o seu mais poderoso bastião de defesa, pois, está ao abrigo dos ataques dos seus prováveis inimigos do ocidente e do oriente. Não devemos desprezar um tão grande ensinamento como este. Só os nescios aprendem com a experiência própria.

Não creio que seja para a nossa geração a povoação das vastas regiões que vemos comumente no mapa do Brasil, com a seguinte denominação: “Zona pouco explorada”, isto é, regiões ao oeste do Araguaia, os vales do Xingú, Tapajós, etc... Há, porém, regiões plenamente sertanejas nos Estados de Mato Grosso, Goiaz, Pará, etc. que são de acesso muito praticável e que serão logo fatalmente povoadas. Se ainda não o foram é devido ao esquecimento e abandono dos governos passados. O planalto central do Brasil pôde ser o celeiro da Nação. Naquelas vastas planícies situadas às grandes altitudes, até de 1.800 m., o clima e a terra são magníficos. Lá existe principalmente níquel, cristal de rocha, ouro, babassú e trigo. As maiores jazidas de níquel do mundo lá estão em São José do Tocantins. Nas regiões de cistalina há cristal do mais puro. Lá o trigo é cultivado desde o Império, chegando até ser exportado para outras regiões. Nos vales do Araguaia e Tocantins existe densas matas de babassú.

Afinal, aquelas regiões são tão belas e ricas que descrevê-las seria diminuí-las. É necessário que sejam vistas. A posição geográfica do planalto goiano é tal fôrma privilegiada que os seus produtos podem ser exportados para o sul, isto é, para o porto de Santos ou Angra dos Reis, também podem escoar para o Estado da Baía e ainda para Belém do Pará. Quando à navegação do Tocantins e Araguaia estiver dotada de meios próprios às condições particulares daqueles rios, as comunicações do Brasil Central com os grandes mercados consumidores ficarão sobremodo facilitadas. As produções do Brasil Central que se

destinam à exportação estrangeira se escoam geralmente através de Minas Gerais, São Paulo e daí são embarcadas no porto de Santos. Daí serão dirigidas para o norte até Belém do Pará e daí a América do Norte. As mercadorias que vão ter aos mercados europeus também fazem grande percursos para o norte costeando o Brasil. Reparando o nosso mapa podereis logo concluir o quanto é longa e dispendiosa essa rota. Já tivemos oportunidade de navegar em quasi todo curso do Araguaia e em grande parte do Tocantins. Vimos que a navegação é feita sem nenhuma melhoria no rio, sem uma boia luminosa que seja, para assinalar a presença de um rochedo e com o material navegante impróprio. Mesmo assim essa navegação é a única via de que se servem as populações dos vales desses grandes rios. O município de Marabá, principal produtor de castanha do Pará, acha-se a montante da cachoeira de Itabóca que é o principal obstáculo à navegação do Tocantins.

Não é propósito nosso estudar a navegação dessas duas grandes artérias que correm do sul para o Norte. Mas, não poderemos deixar de mencionar a Estrada de Ferro de Tocantins que foi feita margeando o rio no seu trecho encachoeirado, para evitar a navegação nesse trecho difícil e perigoso. Essa estrada já quasi terminada, faltando 30 quilômetros apenas, está desde muitos anos estacionada, sem poder cumprir a missão a que se destinava. Fazemos a navegação intensiva do Araguaia e Tocantins e teremos ligado o Brasil Central ao estuário do Amazonas. O Brasil tem nos seus rios interiores uma costa tão grande como a que tem no Atlântico, dizia Couto de Magalhães. Teremos também mantido por essa rota interior, as ligações dos Estados sulinos com o norte do Brasil. Bem sabeis quão insegura e problemática está sendo a nossa rota marítima no momento atual. Indo pelo centro encurtaremos as distâncias, faremos obra de patriotismo e não teremos perdas. Poderemos ir de São Paulo a Belém em cerca de 12 dias, no caso de ser racionalizada a navegação daqueles rios.

Goiânia pela sua posição quasi central em relação ao Brasil, servirá de apoio, será a articulação do norte com o sul.

Como já podeis concluir, Goiânia será, no Brasil Central, a chave dos transportes terrestres, aéreos e indiretamente dos fluviais. Quanto à povoação do "hinterland" brasileiro, Goiânia constitui uma verdadeira ponta de lança demográfica na direção oeste, Goiânia é o maior núcleo de população do Brasil Central, que está a oeste do formoso meridiano das Tordesilhas. Estamos, pois, completando, com o povoamento, o trabalho dos bandeirantes.

Fizemos com a construção de Goiânia, um verdadeiro aproveitamento do êxito da vitória dos bandeirantes.

As constituições brasileiras do período republicano, exceção da

última, diziam que a Capital Federal deveria ser mudada oportunamente para o planalto Central do Brasil. Porém, ao que parece houve essa oportunidade.

No momento atual, não será fantasia lembrar essa velha idéia. Ao contrário, devemos afirmar: a Capital do Brasil deve ir para o planalto Central.

A Capital Federal no centro do Brasil traria benefícios tão visíveis que é desnecessário me reportar a eles.

Não pensem os pessimistas que a mudança da Capital Federal significa construir outra Rio de Janeiro em pleno sertão.

Construir-se-ia a molde de Washington uma cidade de Administração que, com o correr dos anos, ir-se-ia tornando uma cidade completa.

A recente inauguração ou batismo cultural de Goiânia, veio reaviver nos patriotas o sentimento de confiança nos nossos homens e nas nossas coisas.

Disse um escritor alienígena "onde medra a bananeira não nasce uma civilização" Goiânia é o mais formal desmentido contra essa triste profécia.

O progresso de Goiânia é verdadeiramente espantoso; ultrapassou as mais otimistas previsões.

Com 7 anos apenas a "cidade menina" já possui: 20.000 habitantes na cidade e 50.000 no município; uma faculdade de Direito, 3 estabelecimentos de ensino secundário, 24 de ensino primário, 1 escola técnica, 1 aéreo clube, 3 linhas aéreas semanais, 4 hospitais, 287 casas comerciais, 104 industriais, 3 cinemas, 31 casas de hospedagem, 1 estação de rádio, 2 jornais, 1.200 veículos, 348 aparelhos de rádio. Possui também cerca de 10 km de avenidas asfaltadas.

Goiânia nasceu e está crescendo; muita coisa já está feita mas há muito o que fazer. Sabemos que Roma não foi feita num dia. Goiânia não é para ser vista, é, para ser compreendida.

Para finalizar, diremos o que alguém já disse: "Goiânia! Síntese da vitalidade de um povo e do espírito realizador de um homem".

A QUÍMICA NAS AÇÕES DE GUERRA

O artigo, sob o título supra, de autoria do Major Alfredo Faurox Mercier, programado para este número, por ser um pouco longo, foi retardado para o número próximo vindouro.